

FACULDADE SÃO BENTO

Felipe Santana Rabelo

**A NOVA EVANGELIZAÇÃO: DE JOÃO PAULO II A
FRANCISCO**

São Paulo
2017

Felipe Santana Rabelo

A NOVA EVANGELIZAÇÃO: DE JOÃO PAULO II A FRANCISCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teologia para obtenção parcial do grau de Bacharel em Teologia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. DOMINGOS ZAMAGNA

São Paulo
2017

FELIPE SANTANA RABELO

A NOVA EVANGELIZAÇÃO: DE JOÃO PAULO II A FRANCISCO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Teologia para
obtenção parcial do grau de Bacharel em
Teologia.

São Paulo, 16 de Dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Domingos Zamagna
Orientador

Prof. Dr. Sérgio Alejandro Ribaric
Examinador

Prof. Dom Lourenço (João Luiz) Palata Viola, OSB
Examinador

A Igreja “em saída” é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho.

*Papa Francisco
(Evangelii Gaudium, 46)*

A Deus, autor de minha vida e esposo de minha alma, que pela sua misericórdia continua escrever em mim os seus desejos.

AGRADECIMENTO

A minha família, a minha primeira incentivadora, em especial a minha mãe Sandra Santana.

Ao grande amigo Coronel Arruda que não mediu esforço em colaborar para que esta graduação fosse realizada.

Ao Dom Abade Matias Tolentino Braga, OSB, a quem sou muito grato, pois com sua generosidade silenciosa tornou possível a realização desta graduação.

Ao Rev. Padre Antonio Lima da Silva, que colaborou com as suas orações e conselhos espirituais, mostrando a cada dia o amor e a misericórdia de Deus para comigo.

A Comunidade Católica Anjos da Vida e a Paróquia São Roque, a quem devo pelos ensinamentos e pelo apoio em minha caminhada.

Aos todos os meus amigos de faculdade, que ao longo destes três anos de curso me apoiaram, sobretudo Ir. Blener Domingues, CR, Ir. Lucas Gobbo, CR, Ir. Carlos Garcia, CR e Felipe Duarte pelo carinho e pelas orações.

Aos meus amigos, em especial Bruno Vicente, Caroline Piva, Américo e Deolinda Piva, Cassio Santos, Larissa Pereira, Caio Rodrigues, Família Dias, Família Rocchi, Eduardo e Fernanda Vuoto, Ataíde e Héliide Oliveira que sempre me apoiaram com seus sábios conselhos e com as suas orações.

A todos os funcionários da Faculdade São Bento, na pessoa de Nancy e Alexandre, que sempre se mostraram atenciosos e disponíveis.

Ao Prof. Dr. Domingos Zamagna, pelo grande empenho e sábios conselhos oferecidos.

A todos os professores da Faculdade São Bento, que sempre colocaram a disposição todo o conhecimento.

E a tantas outras pessoas a quem carrego no meu coração, pois de alguma maneira colaboraram com este projeto.

RESUMO

Este trabalho acadêmico visa analisar o conceito de Nova Evangelização para os três últimos papas. É um trabalho descritivo, com as anotações das percepções de um estudante de Teologia. Deu-se atenção à fundamentação teológica, mas o escopo é mais pastoral, visando um trabalho missionário entre público jovem, nem sempre habituado à análise de textos do Magistério papal ou do Magistério das Conferências Episcopais. Os caminhos para a efetivação de uma nova evangelização são variados, mas todos têm um lastro enfatizado pelos três últimos papas: uma nova lucidez do mandato missionário de Jesus Cristo, alicerçado sobre um novo ardor apostólico para, sob a força do Espírito Santo, uma renovada eficácia pastoral.

.

Palavras-chave: João Paulo II, Bento XVI, Francisco, Nova Evangelização.

LISTA DE SIGLAS

CELAM	CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO
CNBB	CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
EG	Evangelii Gaudium
EN	Evangelii Nuntiandi
PF	Porta Fidei
RM	Redemptoris Missio
VD	Verbum Domini

SÚMARIO

SÚMARIO	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: O GERMINAR DA NOVA EVANGELIZAÇÃO.....	12
1.1 João Paulo II: Raiz da Nova Evangelização	21
CAPÍTULO 2: BENTO XVI: A NOVA EVANGELIZAÇÃO PARA A TRANSMISSÃO DA FÉ	29
CAPÍTULO 3: PAPA FRANCISCO: A NOVA EVANGELIZAÇÃO APLICADA SOB UMA RENOVAÇÃO PASTORAL	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

INTRODUÇÃO

O título desta pesquisa – *A Nova Evangelização: de João Paulo II a Francisco* – resume o que ela pretende ser: um breve estabelecimento de algumas relações entre os três últimos pontificados, ao que nos respeita sobre o tema de pesquisa. Iremos nos confrontar, portanto, neste trabalho, com as marcas dos três últimos papas na Nova Evangelização, tema emergente e que requer um grande aprofundamento eclesial.

Esta Evangelização é dita *Nova*, pois se trata de evangelizar povos que já foram evangelizados no passado, mas que se afastaram da prática evangélica, precisando acolhê-la novamente, porém de forma nova, adaptando-se ao novo contexto para assim melhor transmitir a fé em Jesus Cristo.

Haveremos, pois, de investigar, neste trabalho, as necessidades emergentes de uma Igreja missionária presente num mundo globalizado, buscando novos métodos a serem utilizados para uma evangelização eficaz numa sociedade líquida e angustiada.

O pontificado do papa João Paulo II é influenciado tanto pelo seu predecessor quanto pelo Concílio Vaticano II, pois carrega consigo os temas discutidos por estes (Papa Paulo VI e Concílio Vaticano II) sobre uma necessidade de se relacionar com o mundo, sendo preciso, porém, para isso, que a Igreja olhe a si mesma, enquanto instrumento de diálogo.

Bento XVI, por sua vez, segue essas mesmas perspectivas: preocupa-se com a descristianização decorrente de uma sociedade globalizada e reconhece que uma solução adequada para este problema crescente é a Nova Evangelização, que é

obra do Espírito Santo. Com isso, percebe que há uma necessidade de revitalizar o ato de crer.

Francisco, não diferente dos demais, percebe que ainda há necessidade de uma renovação, de um novo ardor missionário para formular uma Nova Evangelização que seja condizente com a necessidade dos homens modernos.

Portanto, pode-se notar que este tema é recorrente dentro da Igreja, pois se trata de uma preocupação emergente e de grande importância para a vida pastoral.

CAPÍTULO 1: O GERMINAR DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) é, sem dúvida, o mais importante acontecimento da história eclesial contemporânea. Ainda que muitas hermenêuticas¹ reclamem para si o status de autêntica interpretação do Concílio, é certo que houve um “antes”, um “durante” e um “depois” conciliares que modificaram radicalmente a autoconsciência da Igreja e sua atuação no mundo, realidades estas que assinalam um processo complexo sob os pontos de vista teológico, pastoral, religioso, social e cultural.

Tal complexidade exprime a finalidade mesma do Concílio, evidenciada nas palavras do Papa João XXIII, situando o Concílio na perspectiva da resposta cristã às instâncias de uma humanidade em processo de renovação profunda e global:

O espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro espera um progresso na penetração doutrinal e na formação das consciências; é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo. (Gaudet Mater Ecclesia, VI, 5)

. A intuição que motivou o Papa Roncalli a convocar o Concílio, acolhida como dom do Espírito, apontava para o desafio de fazer valer a vitalidade da Igreja

¹ O célebre Discurso do Papa Bento XVI à Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal do ano de 2005 contribuiu para que a discussão sobre a hermenêutica do Concílio Vaticano II viesse a ocupar lugar de destaque nos estudos e debates atuais acerca do Concílio. “[...] qual foi o resultado do Concílio? Foi recebido de modo correto? [...] por que a recepção do Concílio, em grandes partes da Igreja, até agora teve lugar de modo tão difícil? Pois bem, tudo depende da justa interpretação do Concílio ou como diríamos hoje da sua correta hermenêutica, da justa chave de leitura e de aplicação. Os problemas da recepção derivaram do fato de que duas hermenêuticas contrárias se embateram e disputaram entre si. Uma causou confusão, a outra, silenciosamente, mas de modo cada vez mais visível, produziu e produz frutos. Por um lado, existe uma interpretação que gostaria de definir ‘hermenêutica da descontinuidade e da ruptura’ [...] Por outro lado, há a ‘hermenêutica da reforma’, da renovação na continuidade do único sujeito-Igreja, que o Senhor nos concedeu [...]” (BENTO XVI. Discurso aos Cardeais, Arcebispos e Prelados da Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal, 22 de dezembro de 2005).

em face da atual complexidade cultural e social e suas rápidas e profundas transformações.

Era uma grande novidade, pois a Igreja, que desde a Idade Média se havia caracterizado por um movimento de progressiva centralização conservadora e uniformidade dogmática, litúrgica e moral, passava a se mostrar sensível às mudanças históricas e culturais.

Assim foi com o cristianismo, nos primeiros tempos, que se deixou influenciar pelo helenismo, ultrapassando a tradição judaica. João XXIII comparou, por isso, o Concílio a um novo Pentecostes: o Espírito abria para a Igreja num novo caminho de liberdade, que é, por natureza, fonte de renovação e de diversidade.

Não uma reforma institucional nem uma modificação doutrinal, mas uma imersão total na tradição visando a um rejuvenescimento da vida cristã e da Igreja. Uma fórmula na qual fidelidade à Tradição e renovação profética eram destinadas a conjugar-se; a leitura dos “sinais dos tempos” devia entrar em sinergia recíproca com o testemunho da mensagem evangélica. (ALBERIGO, 2009, pág 553)²

Se, por um lado, impunha-se à Igreja a tarefa de explicitar a riqueza da fé cristã, e não apenas a de reproduzi-la; por outro, isso deveria ser levado a termo de modo que a mensagem cristã pudesse dar sentido à existência dos homens e mulheres contemporâneos. Nesse sentido, as palavras-chaves concedidas por João XXIII para o Concílio – *aggiornamento*³ e diálogo⁴ – referem-se às atitudes fundamentais propostas a toda a Igreja com vistas ao aprofundamento de sua

² ALBERIGO, Giuseppe. *Transizione epocale: studi sul Concilio Vaticano II*. Bologna: Il Mulino, 2009. (trad. nossa).

³ *Aggiornamento* significa, em italiano, atualização. Tem três sentidos básicos: pôr em dia ou manter em dia; modernização, adequação a exigências ou critérios novos; adiantamento. (Dicionário do Concílio Vaticano II).

⁴ Cf. MIRANDA, Mário de França. *A Igreja Numa Sociedade Fragmentada*. Escritos eclesiológicos. São Paulo: Loyola, 2006, p. 15-18.

própria natureza e da relação entre os diversos aspectos da Revelação e o mundo atual em vista a sua missão de anunciar o Evangelho a todos.

No encerramento do Vaticano II, em 8 de dezembro de 1965, a grande maioria dos Padres Conciliares aceitou o princípio de que era necessário e possível mudar e diversificar as formas religiosas em que se encarnava a vida de comunhão com Deus, oferecida a todos os humanos, na Igreja.

Todos os homens, de todas as épocas e culturas, sem deixar de ser o que são, têm acesso à salvação oferecida por Cristo a toda a humanidade. Mas a universalidade da salvação implica uma grande diversidade nas maneiras de vivê-la, diversidade até então muito temida pela Igreja.

No entanto, aberta a porta à diversidade, assistiu-se, no imediato pós-concílio, a um fervilhar de teologias e de planos de pastoral, nas mais diversas direções. Foi então preciso que, desde a morte de João XXIII, em 1963, seu sucessor, o Cardeal João Batista Montini, com o nome de Paulo VI, defendesse e exigisse a fidelidade de todos à Igreja, para garantir a unidade e evitar a prevalência da diversidade pelo apelo ao laço eclesial da unidade.

O que recolhemos e apontamos acerca do Sínodo de 1974 tem sido fruto do “I Colóquio Internacional de Estudos sobre a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*”, pois as conclusões do Sínodo são, na verdade, os temas expressos nessa exortação e, neste estudo em questão, é apresentado todo o processo decorrente da Assembleia Sinodal que aqui expomos. Desse modo, conhecendo o Sínodo, estaremos aptos para conhecer a *Evangelii Nuntiandi*.

Efetivamente, publicada no dia 8 de dezembro de 1975, na exortação, Paulo VI recolheu os frutos da Assembleia Sinodal dos Bispos em 1974, dedicada ao tema da evangelização no mundo moderno.

O Papa nos leva a perceber que a *Evangelii Nuntiandi*, antes de ser mais um documento do Magistério da Igreja, tratou de nos apresentar a evangelização como um processo integral e global, o qual deverá, desde já, na vida de cada um dos católicos, despertar o sentimento de corresponsabilidade e consciência pessoal perante as necessidades do nosso tempo. O Papa nos faz notar os problemas, as polêmicas, as hostilidades, as possíveis catástrofes de uma sociedade sem Deus.

A Exortação, intitulada "*Evangelii Nuntiandi*" adota um tom apostólico, como lhe é próprio pelo nome - "evangelizar" -, tendo em conta "as necessidade e os apelos de uma multidão de irmãos cristãos e não cristãos que esperam da Igreja a Palavra da Salvação". A Exortação é, acima de tudo, um exercício de "Contemplação na Ação". Por isso, é ressaltada pelo Papa a convocação para estarmos atentos aos acontecimentos que se orientam para a programação futura do grande "Jubileu do Ano 2000".

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* não foi apenas uma avaliação final do Sínodo, mas também uma atitude inteligente tomada por um espírito de fidelidade e de serviço pela causa do Reino de Deus. Aproveitando-se do pouco ânimo e energia frente ao medo e à angústia, resultado do confronto entre a Igreja e o Mundo Moderno, o Papa Paulo VI, soube orientar todo o empenho pastoral, metodológico e humano da Igreja, numa evangelização que adentrasse todos os ambientes e situações que envolvem o homem no mundo contemporâneo, na esperança de superação de todo tipo de impedimentos que viessem a se antepor ao

anúncio e à ação evangelizadora da Igreja. Conforme o próprio Jesus, que dedicou gratuitamente toda a sua vida para que o Reino de Deus viesse a ser conhecido e estabelecido, essa Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* torna clara a ação perene e missionária da Igreja e de todos os cristãos.

A atitude de Paulo VI em relação ao Concílio Vaticano II no início da *Evangelii Nuntiandi* (EN 2), justifica a consideração do acontecimento conciliar como pressuposto fundamental para a compreensão do sentido do texto da referida Exortação Apostólica, que recupera e ressignifica a dupla dinâmica do Concílio em termos evangelizadores. Ou seja, no pós-Concílio, *Evangelii Nuntiandi* quer ser uma resposta contundente aos apelos do Espírito à Igreja, especialmente no campo de sua missão evangelizadora.

No início da Exortação, o Papa insere três perguntas:

Esta fidelidade a uma mensagem da qual nós somos os servidores, e às pessoas a quem nós a devemos transmitir intata e viva, constitui o eixo central da evangelização. Ela levanta três problemas candentes, que o Sínodo dos Bispos de 1974 teve constantemente diante dos olhos: O que é que é feito, em nossos dias, daquela energia escondida da Boa Nova, suscetível de impressionar profundamente a consciência dos homens? Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século? Quais os métodos que hão de ser seguidos para proclamar o Evangelho de modo a que a sua potência possa ser eficaz?

Tais perguntas, no fundo, exprimem o problema fundamental que a Igreja hoje põe a si mesma e que nós poderíamos equacionar assim: Após o Concílio e graças ao Concílio, que foi para ela uma hora de Deus nesta viragem da história, encontrar-se-á a Igreja mais apta para anunciar o Evangelho e para o inserir no coração dos homens, com convicção, liberdade de espírito e eficácia? Sim ou não?⁵

⁵ EN 4

É interessante notar a ordem dada pelo Papa Paulo VI aos capítulos desta exortação, pois estão organizados de forma bastante precisa. São sete capítulos, por meio dos quais se fala com a Igreja e o mundo contemporâneo.

Assim: “Introdução” (nn. 1-5); “De Cristo Evangelizador a uma Igreja Evangelizadora” (I. nn. 6-16); o papa se pergunta: “Que coisa significa evangelizar?” (II. nn. 17-24); e então: “O conteúdo da evangelização” (III. nn. 25- 39); “As vias da evangelização” (IV. nn. 40-48); “Os destinatários da evangelização” (V. nn. 49-58); “Os obreiros da evangelização” (VI. nn.59-73); “O Espírito da evangelização” (VII. nn. 74-80); “Conclusão” (nn. 81-82).

No Capítulo I - “De Cristo Evangelizador a uma Igreja Evangelizadora” (I. nn. 6-16), o Papa Paulo VI nos aponta que Jesus é o primeiro evangelizador em seu anúncio do Reino de Deus, que é “um anúncio de salvação”. Reino e salvação são “palavras-chave da evangelização de Jesus Cristo”, como escreve o Papa Paulo VI:

Todos os homens podem os receber como graça e misericórdia e, no entanto cada um deles deve, ao mesmo tempo, os conquistar com a força [...] com o trabalho e o sofrimento, com uma vida de acordo com o Evangelho, com a renúncia e a cruz, com o espírito das beatitudes. Mas, primeiro de tudo, cada um os conquista por uma total transformação no seu interior que o Evangelho designa com a palavra "metanoia", isto é, uma conversão radical, uma mudança profunda da mente e do coração.⁶

O Papa Paulo VI fala da “pregação incansável de Jesus”⁷, acompanhado pelos “sinais” e “aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, em virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se, portanto, em nome de Jesus para, conjuntamente, buscarem o Reino, para edificá-lo e para o viver”.⁸

⁶ EN, 10

⁷ Idem, 11

⁸ Idem, 13

No Capítulo II – “A evangelização é a vocação própria da Igreja”⁹, afirma o Papa Paulo VI existir “uma ligação profunda entre Cristo, a Igreja e a evangelização. Durante este tempo da Igreja, é ela que tem a tarefa de evangelizar. E essa tarefa não se realiza sem ela, e menos ainda, contra ela”¹⁰. A respeito disso, o Papa especifica um modo emergente para pensar que isto traz dor e desorientação: “Convém recordar” – nota o Papa – “[...] as pessoas dizem crer, que bem intencionadas, mas certamente desorientadas no seu espírito, e repetem que desejam amar a Cristo, mas sem a Igreja; ser de Cristo, mas fora da Igreja”. O absurdo de semelhante dicotomia aparece com nitidez nesta palavra do Evangelho: “Quem vos rejeita é a mim que rejeita” (Lc 10,16). E como se poderia querer amar Cristo sem amar a Igreja, uma vez que o mais belo testemunho dado de Cristo é o que São Paulo nos falou por meio destes termos: “Ele amou a Igreja e entregou-se a si mesmo por ela” (Ef 5, 25).

No Capítulo III, O Papa Paulo VI tornou a falar da evangelização das culturas¹¹ e da verdadeira “libertação” do homem da situação que os condena a ficarem à margem da vida: “carestia, doenças crônicas e endêmicas, analfabetismo, pauperismo, injustiças nas relações internacionais e especialmente nos intercâmbios comerciais, situações de neo-colonialismo econômico e cultural, por vezes tão cruel como o velho colonialismo político”¹².

Recordava o Papa, citando os bispos e padres sinodais:

A Igreja - [...] tem dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, sendo muitos destes seus filhos espirituais; o dever de ajudar uma tal libertação nos seus começos, de dar testemunho em

⁹ EN, 14

¹⁰ Idem, 16

¹¹ Idem, 20

¹² Idem, 30

favor dela e de envidar esforços para que ela chegue ao que é total. Isso não é alheio à evangelização.¹³

Com palavras corajosas e proféticas, o Papa Paulo VI desafia o mundo sabiamente, mesmo sendo mal entendido por alguns, ao pensar no futuro, e falar do futuro.

No Capítulo IV, exaustivo e corajoso foi o discurso do Papa com relação à “evangelização e promoção humana”¹⁴. A temática deve ser levada adiante, sem reduzi-la a nenhuma ambiguidade.¹⁵ A libertação evangélica encontra sua base no Reino de Deus, exige uma conversão necessária e exclui toda violência (trata-se de superar desejos pessoais para dar lugar ao Reino, que é para todos). A Igreja tem que dar contribuição específica a esse respeito¹⁶. Continua o Papa Paulo VI:

A justa libertação, ligada à evangelização [...] visa alcançar o estabelecimento de estruturas que salvaguardem as liberdades humanas, não pode ser separada a necessidade de garantir todos os direitos fundamentais do homem, entre os quais a liberdade religiosa ocupa um lugar de primária importância.¹⁷

O Papa nota que a aflição é a atração daquele regime totalitário que sistematicamente “oprima” e “sufoca” os direitos da liberdade de religião de milhares de cristãos e católicos.

No Capítulo V, o discurso do Papa Paulo VI introduz, então, os espaços, as “vias” e “os meios de evangelização”, testemunha de uma autêntica vida cristã, liturgia da Palavra, catequese, o uso das mass-mídia, contato pessoal, papel dos

¹³ EN, 30

¹⁴ Idem, 31

¹⁵ Idem, 32

¹⁶ Idem, 33-38

¹⁷ Idem, 39

sacramentos, piedade popular¹⁸. Estes, o Papa Paulo VI adverte, são “algumas vias que, para uma região ou para outra, têm uma importância fundamental”.¹⁹

No Capítulo VI, “Destinatários da evangelização” e “Operários da evangelização” são dois títulos das partes quinta e sexta. Retoma temas familiares debatidos e intenções do Concílio Vaticano II: destinação universal apesar dos obstáculos; anúncio aos distantes e para os descristianizados, aos não cristãos, os não crentes, os não praticantes, às massas.²⁰

Nesse ponto da Exortação Apostólica, o Papa Paulo VI enfrenta, de modo amplo e completo, a contribuição que “as comunidades eclesiais de base” (Ceb’s) possam e devam dar à causa da evangelização. Também a esse respeito, o Papa Paulo VI mostrou-se aberto e, ao mesmo tempo rigoroso, impondo “certamente condição exigente, mas exaltante.”²¹ Destaquem-se, aqui, algumas ideias do Vaticano II: “Igreja toda inteira missionária”; a evangelização como “ato eclesial” na perspectiva da Igreja universal e da Igreja particular; “adaptação e fidelidade da linguagem”, tarefas diversificadas (do Sucessor dos Apóstolos Pedro, aos Bispos, aos Padres, aos Religiosos, aos Leigos empenhados nas realidades temporais, às famílias, aos jovens) na unidade da mesma missão.²²

Conclui-se com uma invocação ao Espírito Santo, porque, repleta de seu conforto, a Igreja cresce e dilata os espaços de caridade, do serviço, do testemunho e do amor.²³

¹⁸ EN, 40-48

¹⁹ Idem, 40

²⁰ Idem, 49-57

²¹ Idem, 58

²² Idem, 59-73

²³ Idem, 75

Quanto aos evangelizadores, irá concluir o Papa Paulo VI que são “Testemunhas Autênticas”²⁴; “Artífices da Unidade”²⁵; “Servidores da Verdade”²⁶; “Animados pelo Amor”²⁷; “Com o fervor dos Santos”²⁸.

No Capítulo VII, o Papa exorta “os verdadeiros evangelizadores a mostrarem-se dignos da própria vocação, a exercitarem-se sem reticências e a não descurarem as condições que hão de tornar essa evangelização, não apenas possível, mas também ativa e frutuosa”²⁹. A “Maria Estrela da Evangelização”, que, na “manhã de Pentecostes, presidiu na prece ao iniciar-se da evangelização, sob a ação do Espírito Santo”, o Papa Paulo VI confia a Igreja: “que seja ela a Estrela da Evangelização sempre renovada, que a Igreja, obediente ao mandato do Senhor, deve promover e realizar, sobretudo nestes tempos difíceis, mas cheios de esperanças”³⁰.

Portanto, podemos concluir que o Concílio Vaticano II, com os seus antes e pós, têm uma importância fundamental para o pontificado de João Paulo II, pois foi ele o primeiro a utilizar o termo “Nova Evangelização” a partir das bases apresentadas acima. Utilizando-se de uma linguagem simbólica, o que vimos até aqui, é apenas um germinar para a Nova Evangelização, e o Papa João Paulo II será a raiz desta missão.

²⁴ EN, 76

²⁵ Idem, 77

²⁶ Idem, 78

²⁷ Idem, 79

²⁸ Idem, 80

²⁹ Idem, 74

³⁰ Idem, 82

1.1 João Paulo II: Raiz da Nova Evangelização

O papa João Paulo II³¹ tomou como um dos pontos principais de seu pontificado, e sendo o primeiro a utilizar o termo “Nova Evangelização”, em 1979 aos operários de Nowa Huta, na Cracóvia, Polônia.

Nowa Huta³² tinha sido concebida como cidade sem Deus, um povoado sem símbolos religiosos e sem igreja, mas os operários revoltaram-se e reuniram-se para erigir primeiro uma cruz. Mais tarde, surgiu também uma igreja, que deve a sua existência ao suor e à resistência dos operários.

Da cruz em Nowa Huta começou a nova evangelização: a evangelização do segundo Milênio. Esta igreja testemunha-o e confirma-o. Ela nasceu de uma fé consciente e viva e é necessário que continue a servi-la. A evangelização do novo milênio deve referir-se à doutrina do Concílio Vaticano II. Deve ser, como ensina este Concílio, obra comum dos Bispos, dos sacerdotes, dos religiosos e dos leigos, obra dos pais e dos jovens. A paróquia não é só lugar onde se ensina a catequese, é também ambiente vivo que deve atuá-la.³³

Falar de Nova Evangelização é reconhecer que existiu uma antiga ou primeira, seria impróprio falar de Nova Evangelização de tribos ou povos que nunca receberam o Evangelho. Não podemos pensar em Nova Evangelização desprezando a anterior, não significa que a anterior tenha sido inválida, infrutuosa ou de curta duração. Significa que hoje novos desafios, novas interpelações se fazem

³¹ Karol Józef Wojtyła, (1920 - 2005) foi o papa e chefe da Igreja Católica de 16 de outubro de 1978 até a data de sua morte em 2005. Escolheu como nome para o pontificado, João Paulo II.

³² Nowa Huta, bairro industrial de Cracóvia que se tornou famoso pela luta dos crentes contra o comunismo. Nowa Huta tinha sido concebida como cidade sem Deus, um povoado sem símbolos religiosos e sem igreja. Mas os operários revoltaram-se e reuniram-se para erigir primeiro uma cruz. Mais tarde, depois de contrastes com os órgãos estatais e com as forças da ordem, surgiu também uma igreja, que deve a sua existência — como disse o Papa na sua primeira visita à Polónia — ao suor e à resistência dos operários. *A Nova Evangelização Segundo Wojtyła*. Disponível em: <http://www.osservatoreromano.va/pt/news/a-nova-evangelizacao-segundo-wojtya>. Acesso em 07/12/2017.

³³ Viagem Apostólica do Papa João Paulo II à Polónia (02 a 10 de Junho de 1979). Homilia Do Santo Padre no Santuário da Santa Cruz. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790609_polonia-mogila-nowa-huta.html. Acesso em 04/09/2017.

aos cristãos e aos quais é urgente responder estes anseios de uma sociedade líquida³⁴.

O termo, Nova Evangelização, foi universalizado, por assim dizer, no discurso pronunciado na assembleia do CELAM, em Porto-Príncipe, em 1983, quando na comemoração dos 500 anos de evangelização da América, o Papa João Paulo II convoca o clero não para uma re-evangelização e sim para uma nova evangelização.

A comemoração de meio milênio de evangelização terá o seu significado pleno se for um renovado compromisso da vossa parte, como Bispos, juntamente com o vosso Presbitério e fiéis, compromisso não de reevangelização mas de uma evangelização nova. Nova no seu entusiasmo, nos seus métodos, na sua expressão.³⁵

O conceito de “Nova Evangelização” desde o início inclui o compromisso e o serviço de todos os batizados na sociedade e no mundo através do testemunho da obra de salvação de Cristo.

“Nova Evangelização” designa “um projeto pastoral” preciso e original, nascido do Concílio do Vaticano II, principalmente a partir das Constituições sobre a Igreja, (Lumen Gentium), sobre a Revelação, (Dei Verbum) e sobre a Igreja no mundo moderno (Gaudium et Spes). Essas três constituições formam um tripé. A Nova Evangelização reconhece a prioridade da Palavra de Deus, o Verbo, ouvida na

³⁴ O termo *modernidade líquida* criado pelo sociólogo e filósofo polonês, Zygmunt Bauman. Com este termo, Bauman nos relata que a modernidade imediata é "leve", "líquida", "fluida" e infinitamente mais dinâmica que a modernidade "sólida" que suplantou. A passagem de uma a outra acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana.

³⁵ Discurso do Papa João Paulo II na Abertura da XIX Assembleia Do CELAM: Catedral de Porto Príncipe, Haiti (9 de Março de 1983). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html. Acesso em: 04/09/2017.

fé, de que a Igreja é a expressão histórica, como dom para o mundo, sendo chamada a evangelizar.

Através desta expressão, João Paulo II ressalta a importante tarefa da Igreja, renovar o seu modo de relacionar com o exterior, principalmente nas regiões de antiga cristianização.

Países inteiros e nações, onde a religião e a vida cristã foram em tempos tão prósperas e capazes de dar origem a comunidades de fé viva e operosa, encontram-se hoje sujeitos a dura prova, e, por vezes, até são radicalmente transformados pela contínua difusão do indiferentismo, do secularismo e do ateísmo. É o caso, em especial, dos países e das nações do chamado Primeiro Mundo, onde o bem-estar econômico e o consumismo, embora à mistura com tremendas situações de pobreza e de miséria, inspiram e permitem viver “como se Deus não existisse”. (Chistifideles Laicis, 1989 n. 34).

Com esta situação, João Paulo II conclui que apenas uma Nova Evangelização poderá garantir o crescimento de uma fé límpida e profunda.

Da seguinte forma que João Paulo II sistematiza o tema da missão, distinguindo em três situações distintas:

Antes de mais, temos aquela a que se dirige a atividade missionária da Igreja: povos, grupos humanos, contextos socioculturais onde Cristo e o Seu Evangelho não é conhecido, onde faltam comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos. Esta é propriamente a missão ad gentes.

Aparecem depois as comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais, são fermento de fé e de vida, irradiando o testemunho do Evangelho no seu ambiente, e sentindo o compromisso da missão universal. Nelas se desenvolve a atividade ou cuidado pastoral da Igreja.

Finalmente, existe a situação intermédia, especialmente nos países de antiga tradição cristã, mas, por vezes, também nas Igrejas mais jovens, onde grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e conduzindo uma vida distante de Cristo e do Seu Evangelho. Neste caso, torna-se necessária uma “nova evangelização”, ou “re-evangelização”. (Redemptoris Missio, 1990, n. 33).

A Nova Evangelização é dita *Nova*, pois se trata de evangelizar povos que já foram evangelizados no passado, mas que se afastaram da prática evangélica, precisando receber novamente, porém de forma nova, adaptando-se ao novo contexto para assim melhor transmitir a fé em Jesus Cristo.

Porém, diante dessa realidade, sabemos que a vida missionária possui as suas dificuldades, e com o mundo hodierno não seria diferente, sobretudo onde tudo isso está mais agravado pelos sectarismos e o enfraquecimento da fé cristã.

. João Paulo II na sua encíclica sobre a missão, *Redemptoris Missio*, aponta as dificuldades que a Nova Evangelização deve enfrentar:

Uma das razões mais graves para o escasso interesse pelo empenhamento missionário é a mentalidade do indiferentismo, hoje muito difundida, infelizmente também entre os cristãos, frequentemente radicada em concepções teológicas incorretas, e geradora de um relativismo religioso, que leva a pensar que “tanto vale uma religião como outra” [...] O que deve contar — aqui, como nos demais setores da vida cristã — é a confiança que provém da fé, ou seja, a certeza de não sermos nós os protagonistas da missão, mas Jesus Cristo e o Seu Espírito. Somos apenas colaboradores e, depois de termos feito tudo o que estava ao nosso alcance, devemos dizer: “somos servos inúteis, só fizemos o que devíamos fazer” (Lc 17, 10). (*Redemptoris Missio*, 1990, n. 36).

Retomando o modo de agir dos apóstolos, de acordo com a exposição de João Paulo II, podemos associar este discurso com a passagem dos Atos dos Apóstolos³⁶, quando São Paulo visita o Areópago, centro da cultura ateniense, como novos ambientes onde o Evangelho deve ser anunciado.

Esta é a preocupação da Igreja, evangelizar a todos e de forma nova. Como ideia central do CELAM de Santo Domingo em 1992, a Nova Evangelização, o papa

³⁶ At 17,22-23.

polonês deseja que este ardor de evangelização seja nova em seus métodos e nova em sua expressão, assim como havia falado no Haiti em 1983.

O ardor apostólico da Nova Evangelização brota de uma radical conformação com Jesus Cristo, o primeiro evangelizador. Para que haja uma evangelização nova em seu ardor é necessária uma fé sólida, uma caridade pastoral intensa e uma forte fidelidade que, sob a ação do Espírito, gere uma mística, um entusiasmo incontido na tarefa de anunciar o Evangelho e capaz de despertar a credibilidade para acolher a Boa Nova da Salvação.

Nova em seus métodos. Novas situações exigem novos caminhos para a evangelização, vivemos em uma sociedade líquida passível de constantes mudanças. É necessário empregar, sob a ação do Espírito criador, a imaginação e a criatividade para que, de maneira pedagógica e convincente, o Evangelho chegue a todos. Uma vez em que vivemos numa cultura da imagem, devemos ser audazes, é necessário utilizar aqueles meios que façam chegar o Evangelho ao centro da pessoa e da sociedade. O testemunho e o encontro pessoal, assim como a confiança no anúncio salvador de Jesus (querigma) e na atividade do Espírito Santo, não podem faltar.

Nova em sua expressão. Precisamos proclamar a Boa Nova com uma linguagem que torne o Evangelho sempre mais próximo das novas realidades culturais de hoje. A partir de Cristo, devemos buscar as novas expressões que permitam evangelizar os ambientes marcados pela cultura urbana e inculturar o Evangelho. A Nova Evangelização tem que inculturar-se mais no modo de ser e de viver de nossas culturas, levando em conta as particularidades das diversas culturas. Estamos em um tempo em que urge aprender a falar segundo a

mentalidade e cultura dos ouvintes, de acordo com suas formas de comunicação e os meios em uso. Assim a Nova Evangelização continuará na linha da encarnação do Verbo, sempre atual.

Apesar deste tema já ter sido discutido no CELAM de Porto-Príncipe, 1983, o papa deseja que seja aprofundado e esclarecido, para que seja entendido por toda a Igreja e tenham consciência da necessidade de fazer com que as pessoas tenham uma fé clara e sólida.

A nova evangelização não consiste num “novo evangelho”, que surgiria sempre de nós mesmos, da nossa cultura ou da nossa análise, sobre as necessidades do homem. Por isso, não seria “evangelho” mas pura invenção humana, e a salvação não se encontraria nele. Nem mesmo consiste em retirar do Evangelho tudo aquilo que parece dificilmente assimilável. Não é a cultura a medida do Evangelho, mas Jesus Cristo é a medida de toda a cultura e de toda obra humana. Não, a nova evangelização não nasce do desejo de “agradar aos homens” ou de “procurar o seu favor” (Gl 1,10), mas da responsabilidade pelo dom que Deus nos fez em Cristo, pelo qual temos acesso à verdade sobre Deus e sobre o homem, e à possibilidade da vida verdadeira. (Santo Domingo, 1997, n. 6)³⁷.

A NE tem, como ponto de partida, a certeza de que em Cristo há uma “riqueza insondável” (Cf.: Ef 3,8) e não se extingue a uma cultura ou época. Essa certeza teremos sempre diante de nós, pois é o próprio Cristo esta riqueza.

A *novidade* do anúncio não afeta o conteúdo da mensagem evangélica, pois “Cristo é sempre o mesmo: ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8). Para que isso aconteça tenhamos que ter sempre em mente que evangelizar é anunciar uma pessoa, e esta pessoa não pode ser outra senão, Cristo.

³⁷ Abertura dos Trabalhos Da IV Conferência Geral Do Episcopado Latino-Americano. Discurso do Papa João Paulo II. Santo Domingo, 12 de Outubro de 1992. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html. Acesso em: 10/09/2017.

O conteúdo da NE é Jesus Cristo, Evangelho do Pai, que anunciou que “Deus é misericordioso para com todos, que ama o homem com um amor sem medida e quis entrar na sua história por meio de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, para fazer-nos participar de sua vida divina” (Cf.: Ef 2,8).

Em Cristo tudo adquire sentido. Ele rompe o horizonte estreito em que o secularismo encerra o homem, devolve-lhe a verdade e dignidade de Filho de Deus e não permite que nenhuma realidade temporal, nem os estados nem a economia nem a técnica se convertam para os homens na realidade última a que devam submeter-se. (Santo Domingo, 1997, n. 27)³⁸.

Para que esta evangelização tenha uma força renovadora é preciso ter fidelidade à Palavra de Deus, tenha lugar de acolhida na comunidade eclesial, alento criador no Espírito Santo, que cria a unidade na diversidade, alimenta a riqueza carismática e ministerial, e se projeta ao mundo mediante o compromisso missionário.

³⁸ Abertura dos Trabalhos Da IV Conferência Geral Do Episcopado Latino-Americano. Discurso do Papa João Paulo II. Santo Domingo, 12 de Outubro de 1992. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html. Acesso em: 10/09/2017.

CAPÍTULO 2: BENTO XVI: A NOVA EVANGELIZAÇÃO PARA A TRANSMISSÃO DA FÉ

A Nova Evangelização, como já sabemos, é um projeto pastoral que nasceu com João Paulo II, mas de uma forma “profética”, sem que se tivesse uma ideia precisa da necessidade de que o mundo precisa do Evangelho.

Vivemos num mundo cheio de transformações e em constante evolução onde temos que encontrar uma nova maneira de pregar o evangelho, essa é a ideia fundamental: um novo ardor, novos métodos, e novas experiências como nos disse o papa polonês, no CELAM do Haiti em 1983.

Essa ideia da Nova Evangelização teve uma gestação muito longa, e João Paulo II voltou sempre a ela sem nunca dizer nada de mais específico. Coube ao seu sucessor, o Papa Bento XVI, que havia trabalhado na Congregação para a Doutrina da Fé, e, portanto, estava a par do pensamento profundo do papa João Paulo II, formular mais explicitamente a Nova Evangelização.

Foi então quando Bento XVI, formulou de um modo sábio e muito profundo, que ele consistiu em insistir não tanto nos conteúdos da fé, mas revitalizar o ato de crer. A fé não é tanto aquilo em que você crê, mas uma atitude pessoal de liberdade aonde se acolhe a Palavra de Deus.

Com isso podemos afirmar que o fundamento histórico da Nova Evangelização é Jesus Cristo, Palavra de Deus; e o fundamento antropológico subjetivo é a fé, o ato de crer.

A partir dessa concepção, Bento XVI instituiu o Pontifício Conselho para a promoção da Nova Evangelização em 2010, deixando claro que a Nova

Evangelização não deve significar uma única fórmula igual para todas as circunstâncias.

Através deste Pontifício Conselho para a promoção da Nova Evangelização, Bento XVI destaca os itens que esse Conselho deve cumprir para que possa executar a Nova Evangelização:

1. Aprofundar o significado teológico e pastoral da nova evangelização;
2. Promover e favorecer, em estreita colaboração com as Conferências Episcopais interessadas, que poderão dispor de um organismo ad hoc, o estudo, a difusão e a aplicação do Magistério pontifício relativo às temáticas vinculadas à nova evangelização;
3. Dar a conhecer e incentivar iniciativas ligadas à nova evangelização já em curso nas várias Igrejas particulares e promover a realização de outras novas, comprometendo também concretamente os recursos presentes nos Institutos de Vida Consagrada e nas Sociedades de Vida Apostólica, assim como nas agregações de fiéis e nas novas comunidades;
4. Estudar e favorecer a utilização das formas de comunicação modernas, como instrumentos para a nova evangelização;
5. Promover o uso do Catecismo da Igreja católica, como formulação essencial e completa do conteúdo da fé para os homens do nosso tempo. (*Ubicumque et Semper*. Motu Próprio, art. 3, 2010.)³⁹

Francisco Catão⁴⁰, teólogo brasileiro, em um dos seus escritos sobre a Nova Evangelização ressalta que para a transmissão da fé é preciso “observar duas exigências: ‘levar em conta os desafios de um mundo em acelerada transformação’ e traçar ‘uma via para viver, hoje, o dom de estarmos reunidos no Espírito Santo.’ ” (CATÃO, Francisco. *A Nova Evangelização*. Revista de Cultura Teológica. v.19 n.74 p.22 Abr/Jun 2011).

³⁹ BENTO XVI. Motu Proprio *Ubicumque et Semper*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20100921_ubicumque-et-semper.html. Acesso em: 06 de novembro de 2017.

⁴⁰ Francisco Augusto Carmil Catão nasceu no Rio de Janeiro. Foi monge beneditino e frade dominicano. Doutorou-se em Teologia na Universidade de Estrasburgo (França). Foi professor nos dominicanos (1955-1968). Depois, como leigo, no Instituto Pio XI (1992-2012) e na Faculdade São Bento de Teologia (2008-2011). Publicou artigos e livros em revistas e editoras diversas.

Mesmo em meio aos desafios desta renovada evangelização, podemos confirmar o raciocínio do professor Catão, quando Bento XVI lembra que o autor principal de toda obra genuína de evangelização é o Espírito Santo, tanto para aquele que anuncia a Boa Nova, quanto para aquele que a recebe. Essa observação é válida, pois nos recorda que Nova Evangelização não pode ser usada como domínio humano sobre outros homens, mas para compartilhar o dom inestimável que Deus nos quis conceder.

É necessário visar os desafios que o mundo nos propõe em uma alta escala de transformação, ou seja, encontrar um novo estilo de pensar a fé ou de fazer uma teologia da pós-modernidade, com fundamento na Tradição, uma nova forma de testemunhar a fé, de evangelizar. À luz da V CELAM em Aparecida, somos chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo. É o que a Igreja espera como resposta para as necessidades deste tempo.

É vocação de todos os seres humanos à santidade, fidelidade à Palavra no Espírito, fazendo com que sejamos solidários para com toda a humanidade, em todo o tempo e em toda cultura, na busca de Deus e na fidelidade à sua Palavra. A moção do Espírito faz com que tenhamos consciência da universalidade da salvação, logo pode ser considerada um dos fundamentos e, até mesmo, o sinal esperançoso da Nova Evangelização.

A evangelização é nova na medida em que o testemunho de Jesus é permanentemente dado e acolhido pelos homens e estes se situarem na busca de Deus. Na Exortação Apostólica *Verbum Domini*, o papa Bento XVI define essa

prioridade pastoral: “Não existe prioridade maior do que esta: reabrir ao homem atual o acesso a Deus”⁴¹.

O caminho a ser percorrido pela Nova Evangelização é o de abrir a todos os homens o acesso a Deus, ou melhor, à experiência de Deus.

Os cristãos, pelo fato de serem discípulos de Jesus, são missionários, pois a sua vida, experiência de amizade com Jesus, é o elemento comunicativo da Palavra a todos os que estão afastados ou indiferentes a ela.

Bento XVI expressa o pensamento teológico da experiência na Exortação Apostólica mencionada acima, e dentre as diversas menções, gostaria de destacar aqui três passagens:

Na Igreja há um Pentecostes também hoje, ou seja, que ela fala em muitas línguas; e isto não só no sentido externo de estarem nela representadas todas as grandes línguas do mundo mas também, e mais profundamente, no sentido de que nela estão presentes os variados modos da experiência de Deus e do mundo, a riqueza das culturas, e só assim se manifesta a vastidão da existência humana e, a partir dela, a vastidão da Palavra de Deus.⁴²

A partir da sua experiência pessoal do encontro e seguimento de Cristo, João, que a tradição identifica com “o discípulo que Jesus amava” (Jo 13, 23; 20, 2; 21, 7.20), “chegou a esta certeza íntima: Jesus é a Sabedoria de Deus encarnada, é a sua Palavra eterna feita homem mortal [...] Trata-se de uma novidade inaudita e humanamente inconcebível: ‘O Verbo fez-Se carne e habitou entre nós’ (Jo 1,14a). Estas expressões não indicam uma figura retórica mas uma experiência vivida”.⁴³

Todo o Antigo Testamento se nos apresenta já como história na qual Deus comunica a sua Palavra [...] em palavras e obras, de tal modo que Israel pudesse conhecer por experiência os planos de Deus sobre os homens.⁴⁴

⁴¹ VD, 2

⁴² Discurso do Papa Bento XVI à Cúria Romana Por Ocasão dos Votos De Feliz Natal em Dezembro de 2008. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20081222_curia-romana.html. Acesso em 05/11/2017.

⁴³ VD, 5.

⁴⁴ VD, 11.

A Exortação *Verbum Domini* não desenvolve explicitamente uma teologia da experiência cristã, mas pressupõe, não somente com base antropológica, mas cristológica, pois a fé é o acolhimento da Palavra.

Dessa forma, o fundamento sobre o qual se assenta a Nova Evangelização, de acordo com o texto das *Orientações*⁴⁵, é o encontro com Jesus, vivido numa proposta de experiência pessoal, aonde o acolhemos como Palavra, no Espírito, como esposo de nossas almas:

Falando do Evangelho, não devemos pensar apenas em um livro ou a uma doutrina; o Evangelho é muito mais do que isso: é uma Palavra viva e eficaz, que realiza o que afirma. Não é um sistema de artigos de fé e de preceitos morais, e ainda menos um programa político, mas uma pessoa: Jesus Cristo, Palavra definitiva de Deus, feito homem.⁴⁶

O encontro pessoal, que temos como categoria em que se insere a conversão e a fé, constitui um dado precioso da identidade do cristão, constantemente lembrado por Bento XVI na encíclica *Deus Caritas Est*. Acolher Deus não é aderir a uma essência, uma ideia ou uma energia, senão entrar em comunhão pessoal com a Trindade.

O Evangelho é Evangelho de Jesus Cristo: não tem somente como conteúdo Jesus Cristo. Jesus é, através do Espírito Santo, muito mais, é o promotor e o tema principal da sua mensagem, da sua transmissão. O objetivo da transmissão da fé é, portanto, a realização desse encontro com Jesus Cristo, no Espírito, para chegar a fazer experiência do Seu e do nosso Pai.⁴⁷

⁴⁵ Orientações ou Lineamenta é o texto elaborado pelo Papa Bento XVI como instrumento de trabalho para os participantes do Sínodo para a Nova Evangelização que aconteceu em 2012.

⁴⁶ Orientações ou Lineamenta, 11, Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20110202_lineamenta-xiii-assembly_po.html. Acesso em 15/11/2017.

⁴⁷ Orientações, 11. Cf. Congregação para a Doutrina da Fé, *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização* (3 de Dezembro de 2007), 2: ASS 100 (2008). Acesso em 20 de outubro de 2017: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20071203_not-a-evangelizzazione_po.html

Dessa forma, a Nova Evangelização é mais do que uma transmissão de uma verdade ou de um ensinamento, consiste em

Criar, em cada lugar e em cada tempo, as condições para que o encontro entre os homens e Jesus Cristo aconteça. A fé, encontro com a pessoa de Cristo, tem a forma da relação pessoal com Ele, da memória d'Ele (na Eucaristia) e do formar em nós a mentalidade de Cristo, na graça do Espírito [...] Dado que Deus foi o primeiro a amar-nos (cf. 1Jo 4,10), agora o amor já não é apenas um 'mandamento', mas é a resposta ao dom do amor, com que Deus vem ao nosso encontro.⁴⁸

O resultado que se espera de uma evangelização, denominada, nova, é a promoção do encontro pessoal com Jesus, mistério de comunhão interpessoal do Pai com o Filho, no Espírito Santo, mistério este que é o centro do mistério da Igreja. Este é o desejo em que se fundamenta, desde o início, a Nova Evangelização:

O resultado que se espera desse encontro é o de inserir os homens na relação do Filho com o Pai, para sentir a força do Espírito. O fim da transmissão da fé, a finalidade da evangelização, é a de levar "por Cristo ao Pai, no Espírito" (Ef 2,18);⁴⁹ é essa a experiência da novidade do Deus cristão. Nessa perspectiva, transmitir a fé em Cristo significa criar as condições para uma fé pensada, celebrada, vivida e anunciada: isso significa inserir na vida da Igreja.⁵⁰

Podemos perceber que este tema, Nova Evangelização, continua pertinente na vida da Igreja, desde que o Papa João XXIII teve como princípio inovador pastoral, o *aggiornamento*, que resultou no início de renovação eclesial. Seguindo esse passo, o Papa Bento XVI convocou entre os dias 7 a 28 de outubro de 2012, o Sínodo dos Bispos para tratar do tema: "A nova evangelização para a transmissão da fé cristã".

⁴⁸ Bento XVI, Carta encíclica Deus caritas est (25 de Dezembro de 2005), 1: AAS 98 (2006), 217

⁴⁹ Congregação para o Clero, (15 de Agosto de 1997), 100. Acesso em 01 de novembro de 2017. http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_interdic_doc_15081997_po.html

⁵⁰ Congregação para o Clero, (15 de Agosto de 1997), 141. Acesso em 01 de novembro de 2017. http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_interdic_doc_15081997_po.html

Diante dessa realidade, o sínodo elaborou um texto *Propositiones*, não divulgado ao público, mas o Papa Bento XVI publicou a mensagem final deste encontro, que podemos tirar conclusões que tudo antes apresentado pelo papa encontra-se neste material disponível apenas para os bispos e para os futuros papas para servir de base de trabalho.

Portanto, vemos que este é um tema reiterado também no pontificado de Bento XVI, porém ele reconceituou e nos mostrou diversas formas práticas de uma Igreja que deve estar comprometida com a evangelização, levando a todos uma mensagem querigmática, introduzindo a pessoa na dimensão da fé.

No início da mensagem final do sínodo, destinada ao povo de Deus, e dessa forma encerramos este capítulo, o papa nos lembra que precisamos colocar esta urgência em prática o quanto antes.

Guiar os homens e as mulheres do nosso tempo a Jesus, ao encontro com Ele, é uma urgência em todas as regiões do mundo, de antiga e de recente evangelização. De fato, em toda a parte se sente a necessidade de reavivar uma fé que corre o risco de se ofuscar em contextos culturais que obstam à sua radicação pessoal e a presença social, a clareza dos conteúdos e os frutos coerentes.(BENTO XVI, *Mensagem ao Povo de Deus*, 2012, 2).⁵¹

⁵¹ BENTO XVI, XIII Assembleia Geral Ordinária Do Sínodo Dos Bispos: *Mensagem ao Povo de Deus*, 03 de novembro de 2012. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20121026_message-synod_po.html. Acesso em: 16/11/2017.

CAPÍTULO 3: PAPA FRANCISCO: A NOVA EVANGELIZAÇÃO APLICADA SOB UMA RENOVAÇÃO PASTORAL

Francisco, primeiro papa americano, traz consigo toda a sua simplicidade e carisma, um pastor que quer estar sempre perto. O seu caminho de pontificado não é muito distante da sua realidade de arcebispo de Buenos Aires, onde pensou

num projeto missionário centrado na comunhão e na evangelização, com quatro finalidades principais: comunidades abertas e fraternas; protagonismo de um laicato consciente; evangelização destinada a cada habitante da cidade; assistência aos pobres e aos enfermos. O seu objetivo era reevangelizar Buenos Aires, «tendo em consideração os seus habitantes, o modo como ela é e a sua história». Convidou sacerdotes e leigos a trabalharem juntos. Em Setembro de 2009 lançou a campanha de solidariedade a nível nacional, em vista do bicentenário da independência do país: duzentas obras de caridade a realizar até 2016. E, em chave continental, alimenta fortes esperanças, no sulco da mensagem da Conferência de Aparecida, de 2007, chegando a defini-la «a *Evangelii Nuntiandi* da América Latina». ⁵²

A chegada do Papa Francisco, em 2013, “do fim do mundo” trouxe ao centro da Igreja propostas inovadoras sobre o anúncio do Evangelho no mundo contemporâneo, uma “nova etapa evangelizadora” (EG 1), marcada pela alegria do Evangelho a partir do encontro com Jesus Cristo. Essas propostas foram apresentadas em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, a qual tomaremos como base para este capítulo.

A *Evangelii Gaudium*, remete à XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que em 2012 – ainda no pontificado do Papa Bento XVI, como vimos no capítulo anterior – discutiu “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”. Esta Exortação Apostólica é muito mais que um relatório que apresenta os

⁵² Biografia do Papa Francisco. Disponível em:
<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>. Acesso em 10 de novembro de 2017

resultados finais do Sínodo, mas contém um conteúdo programático do papado de Francisco.

A *Evangelii Gaudium* faz-nos recordar alguns outros documentos do magistério, tais como: *Gaudium et Spes*, *Gaudete in Domino* e *Evangelii Nuntiandi*, estes dois últimos de Paulo VI. O fato é que, nesse contexto, *Evangelii Gaudium* faz um apelo: “não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização” (EG 83). Trata-se de uma exortação que retoma o apelo de Bento XVI expresso na Carta Apostólica em forma de Motu Proprio *Porta Fidei*:

Por isso, também hoje é necessário um empenho eclesial mais convicto a favor duma nova evangelização, para descobrir de novo a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo de comunicar a fé [...] Com efeito, a fé cresce quando é vivida como experiência de um amor recebido e é comunicada como experiência de graça e de alegria (PF 7).

Assim como em *Evangelii Nuntiandi*, a noção conciliar de aggiornamento e a eclesiologia do Povo de Deus nos oferecem elementos para uma leitura de *Evangelii Gaudium* à luz do Concílio. Francisco se insere numa das reflexões teológico-pastorais inauguradas pelo Vaticano II: a relação entre missão e reforma eclesial.

Sua atuação no contexto da América Latina, atrelada ao espírito da Conferência de Aparecida, da qual participou e da qual extraiu alguns conceitos que utilizou em *Evangelii Gaudium*, indicam-nos um contexto amplo para a compreensão de suas intenções com o texto exortativo.

O tema central da exortação *Evangelii Gaudium* é certamente a transformação missionária da Igreja (EG 19). Todo o conteúdo converge para a saída missionária (EG 20), para o alcance de um “preciso estilo evangelizador” (EG 18) que leve a Igreja a um “estado permanente de missão” (EG 25). O papa

Francisco não tem a intenção de expor sistemática e progressivamente os elementos pertinentes à noção de evangelização. Isso já o fez Paulo VI em *Evangelii Nuntiandi*. Pressupondo tais elementos, concentra-se em propor uma renovação da Igreja a partir de sua natureza missionária, que conduz, por sua vez, a uma “conversão missionária” (EG 30), que “possui um significado programático e tem consequências importantes” (EG 25). Assim se constitui a noção de evangelização em EG.

Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma ‘simples administração’ [...] Há estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador; de igual modo, as boas estruturas servem quando há uma vida que as anima, sustenta e avalia. Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem ‘fidelidade da Igreja à própria vocação’, toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo (EG 25-26).

O papa Francisco, envolvido nesta realidade pós-sinodal não poderia agir diferente, e não ignorou a importância do tema da Nova Evangelização, pronunciando-se também a esse respeito. Numa audiência com os participantes da sessão plenária do Pontifício Conselho para a Nova Evangelização, o Papa Francisco ressaltou três pontos que devem constar na Nova Evangelização: a primazia do testemunho, a urgência de ir ao encontro e o projeto pastoral centralizado no essencial. E para buscar o essencial, temos que ter em mente que o coração da evangelização é o testemunho da fé e da caridade.

Seguindo a ótica de Francisco, a Nova Evangelização se faz mais com gestos do que com palavras. Os evangelizadores devem anunciar a Boa Nova, não só com palavras, mas, sobretudo, com uma vida transfigurada pela presença de Deus. Porém, ele não despreza a importância da catequese na situação atual

de evangelização, retomando o que Paulo VI já mencionava na *Evangelii Nuntiandi* sobre a falta de formação dos católicos.

Na linha de João Paulo II, Francisco salienta que a causa missionária deve ser a primeira de todas as causas da Igreja, o foco da Nova Evangelização não são os destinatários, mas os sujeitos: “a nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. [...] Não digamos mais que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas sempre que somos ‘discípulos missionários’” (EG 120). Nela está o sonho de “opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG 27) da Igreja. Com isto percebemos de que é necessário passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária.

As cidades são lugares privilegiados da Nova Evangelização, sendo ambientes multiculturais e de rápidas transformações necessitam de uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, pois, através do anúncio do Evangelho, pode-se ter uma base para se reestabelecer a dignidade da vida humana, tão facilmente esquecida nesses contextos, por meio do tráfico de pessoas e drogas, do abuso e exploração de menores, da corrupção e do crime.

Em conformidade com o papa Bento XVI, Francisco também diz que para a Nova Evangelização não é adequado usar um programa e um estilo uniforme e rígido, mas sim se adaptar às diferentes realidades humanas (Cf.: EG 129).

Outro ponto importante é o compromisso que todo batizado deve ter com a Evangelização, não limitando a tarefa apenas aos religiosos, pois

cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus [...]. Se não estivermos convencidos disto, olhemos para os primeiros discípulos, que logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria: “Encontramos o Messias” (Jo 1, 41)⁵³.

Nessa obra em que cada fiel contribui para a evangelização, não se deve desprezar as expressões da piedade popular que, para quem as sabe ler seus sinais e seus significados, são um lugar teológico que podem muito nos ensinar e por isso devemos prestar atenção. (Cf.: EG 126).

Quanto à espiritualidade que deve reger a Nova Evangelização, Francisco põe que “uma evangelização com espírito é uma evangelização com o Espírito Santo, já que Ele é a alma da Igreja evangelizadora” (EG 261).

Os evangelizadores devem rezar e trabalhar (EG 261). Uma mística requer um compromisso social e missionário. Cada época tem a sua dificuldade para esse trabalho missionário, mas os santos que nos precederam nos ensinam como enfrentar as dificuldades.

As motivações que devem nos impulsionar a levar a Boa Nova a toda criatura, sendo a primeira motivação o amor que recebemos de Jesus, que sente necessidade de tornar a pessoa amada conhecida por todos, pois não há nenhuma outra coisa que seja melhor a ser transmitida aos outros⁵⁴.

Em seguida, temos a própria vida de Jesus que gera em nós o entusiasmo da missão⁵⁵, pois quando anunciamos o Evangelho, fazemos exatamente o que os apóstolos fizeram: “Aquele que venerais sem O conhecer, é Esse que eu vos anuncio” (At 17, 23).

⁵³ EG, 120

⁵⁴ Idem, 264

⁵⁵ Idem, 265

Para que essa evangelização persevere, é preciso seguir os mesmos passos de Jesus, dar glória ao Pai, e não se preocupar em buscar os nossos próprios interesses pessoais⁵⁶.

O querigma, elemento central da *Evangelii Gaudium*, é uma notícia de alegria, que deve ser anunciada com parresía, ou seja, com uma alegre coragem e com intrepidez, tal como os apóstolos em Pentecostes. Com isso, *Evangelii Gaudium* exprime seu pressuposto fundamental: a alegria da Igreja e dos cristãos, que deve aparecer ao mundo como sinal e testemunho do encontro com Jesus Cristo, o Evangelho de Deus, é “uma alegria missionária” (EG 21).

Portanto, a *Evangelii Gaudium* busca explicitar como a transformação missionária da Igreja se dá a partir de seus fundamentos, radicados na própria natureza da Igreja, e como é posta em ato pelo sujeito eclesial.

Por fim, Francisco apresenta as “motivações para um renovado impulso missionário” (EG 262). Assim como Paulo VI em *Evangelii Nuntiandi*, o papa Francisco dedica o último capítulo de sua Exortação à ação do Espírito da evangelização, ou seja, princípio da saída missionária da Igreja a partir do relato bíblico de Pentecostes. Evangelizar com espírito é evangelizar com o Espírito Santo (EG 261), ao passo que do anúncio que não se dá no Espírito não decorre a Igreja em saída. Não se trata, então, de uma espiritualidade missionária em sentido prático, mas da ação do Paráclito que impulsiona a Igreja a evangelizar, transformando a “auto-referencialidade” (EG 8) em atitude de saída para a missão. Dessa forma, Francisco invoca novamente o Espírito: “peço-Lhe que venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída para fora de si mesma a fim de evangelizar todos os povos” (EG 261).

⁵⁶ EG, 266

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, podemos analisar o conceito de Nova Evangelização, tema basilar de nossa pesquisa, a importância que se tem deste projeto para a vida contemporânea da Igreja, sobretudo para uma ação pastoral que saiba responder os anseios de uma sociedade globalizada e líquida.

A Nova Evangelização foi definida como o programa pastoral do pontificado de João Paulo II, podemos afirmar que esta decisão tem como base todo o trabalho de Paulo VI e do Concílio Vaticano II. O discurso que ficou como um marco histórico da proposta da Nova Evangelização foi o que o Papa João Paulo II fez na XIX Assembleia do CELAM, em Porto Príncipe, no Haiti, em 1983. Neste discurso, o Papa sugeriu como preparação para a celebração dos 500 anos de evangelização da América Latina, uma Nova Evangelização que fosse também nova em seu ardor, em seus métodos e em sua expressão. Desde esta data, a expressão foi repetida pelo Papa, em várias ocasiões no continente, sendo estendida para a Igreja universal a partir de 1985.

Com a morte do Papa João Paulo II, um risco muito sério que a Igreja corria era de considerar a Nova Evangelização como algo específico do seu pontificado, sem considerar que a sua intuição profética devia ter um alcance que ultrapassasse o seu pontificado. Assim, ela seria uma mera onda eclesial, que passaria sem realizar o propósito de Deus, que é um novo impulso na Igreja, com uma proposta positiva e duradoura e que seja repercutida no mundo.

Não obstante, Bento XVI expressou uma consciência ampla da Nova Evangelização. Por isso ao invés de elaborar um programa novo, reiterou a

necessidade de dar sequência a este projeto, com isso podemos afirmar que o fundamento histórico da Nova Evangelização é Jesus Cristo, Palavra de Deus; e o fundamento antropológico subjetivo é a fé, o ato de crer. A partir dessa concepção, o Papa Bento XVI instituiu o Pontifício Conselho para a promoção da Nova Evangelização em 2010 e convocou um Sínodo para refletir sobre o tema, deixando claro que a Nova Evangelização não deve significar uma única fórmula igual para todas as circunstâncias.

Além disso, o Papa Bento XVI denunciando tantas vezes a ditadura do relativismo e convidando a Igreja para refletir sobre a fé, deu amostras de que o desafio apontado pelo Papa João Paulo II continuava muito atual. Neste sentido a nova evangelização, conforme a própria expressão exige, é uma proposta pastoral em contínuo dinamismo. O seu crescimento não se dá só em nível geográfico, como foi a sua ampliação da América Latina para o mundo, mas também nas suas formulações. Um nível mais imediato, permanente e prioritário é um esforço em vitalizar a ação evangelizadora para aqueles que a receberam de modo insuficiente.

A Nova Evangelização se constitui também como uma proposta ampla que abarca todas as dimensões da vida da Igreja.

O papa Francisco, embargado nesta realidade pós-sinodal não poderia agir diferente, e não ignorou a importância do tema da Nova Evangelização, desde o início de seu pontificado deixou claro que deseja motivar a Igreja, para que ela tenha audácia para cumprir a ordem de Cristo: “*Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho*” (Mc 16, 15).

Ao escolher as palavras *Evangelii Gaudium*, como nome da sua primeira exortação apostólica, o Papa destaca a sublimidade da tarefa evangelizadora que enche de alegria o coração daquele que sabe assumir esta causa.

Portanto, podemos concluir que a visão profética que João Paulo II intuiu sobre a Nova Evangelização, e que posteriormente Bento XVI a elevou a um conceito sistematizado, Francisco a propõe como uma renovada ação pastoral contextualizada numa sociedade pós-moderna, onde a Nova Evangelização precisa se contrapor a esta realidade.

O resultado desta pesquisa pretende conscientizar e motivar os cristãos a um despertar missionário, fazendo com que haja um impulso eclesial para uma evangelização eficaz e consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BENTO XVI. *Motu Proprio Ubicumque et Semper*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20100921_ubicumque-et-semper.html. Acesso em: 06 de novembro de 2017.

_____. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. 2ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio Porta Fidei*. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Verbum Domini*. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CATÃO, Francisco. *A Nova Evangelização*. Revista de Cultura Teológica. v.19 n.74 Abr/Jun 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/WINDOWS7/Downloads/15340-37332-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/WINDOWS7/Downloads/15340-37332-1-SM%20(1).pdf). Acesso em: 02/11/2017.

CELAM. *IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. São Paulo: Loyola, 1994.

CIC – *Catecismo da Igreja Católica*. Vozes; Paulus; Loyola; Paulinas; Ave Maria: Petrópolis; São Paulo, 2001.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. “*Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*.” In Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997: 539-661.

_____. *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*, In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997: 101-213.

CELAM - *Santo Domingo: Conclusões*. IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. 11ª Ed. São Paulo: Loyola, 1997.

CELAM – *Documento de Aparecida*. V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. Brasília: Edições CNBB, 2007.

CNBB - CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015*. Brasília: CNBB, 2011.

DENZINGER, Hünemann. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas & Loyola, 2013.

FRANCISCO. *Allocutiones II: Ad Sessionem Plenariam Pontificii Consilii de Nova Evangelizatione*. In: AAS 105, 2013, pp.965-967.

_____. *Exortação Apostólica Amoris Laetitia*. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

JOÃO PAULO II. “Discurso inaugural da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.” In IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, CELAM. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. *Exortação apostólica pós-sinodal Christifideles laici sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1990.

_____. *Abertura dos Trabalhos Da IV Conferência Geral Do Episcopado Latino-Americano*. Santo Domingo, 1992. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html. Acesso em: 10/09/2017.

JOÃO XXIII. “Constituição apostólica com a qual é convocado o Concílio Ecumênico Vaticano II.” In Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). COSTA, Lourenço (org.), 9-18. São Paulo: Paulus, 1997.

PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Dir.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

PAULO VI. “Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo.” In Documentos de Paulo VI, COSTA, Lourenço (tradutor) 379-457. São Paulo: Paulus, 1996.

SUESS, Paulo. *Dicionário da Exortação Evangelii Gaudium: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral*. São Paulo: Paulus, 2015.